

RESPOSTA A UMA PREGUNTA

13-3-944 III

Declararam as Bases da A. C. P. que a Acção Católica desenvolve a sua actividade sob a *dependência directa e inteira* da Hierarquia, ficando «sob a *alta direcção e inspiração* do Episcopado Português.

Depois da publicação deste documento, foi, por muitas formas, superiormente esclarecido que a Hierarquia — como, aliás, não podia deixar de ser — assumia inteira responsabilidade da A. Católica.

Não admira, portanto, que quisesse a Hierarquia colocar à fren-

te do mais alto organismo director da A. Católica — a Junta Central — um Ex.^{mo} Prelado, e que este sujeitasse à sua apreciação e aprovação o relatório anual da actividade de todas as organizações da A. C. e o plano oficial da actividade comum.

Sua Santidade Pio XI, ao tomar conhecimento oficial da fundação da A. C. em Portugal e da forma como era organizada, dignou-se manifestar, em notável e público documento, dirigido a Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca, a Sua grande alegria em verificar que eram seguidas as normas por Ele próprio traçadas à A. Católica.

Não consta que tivesse, depois, o Episcopado mudado de parecer, ou esquecido as normas Pontificias quanto à orientação da Acção Católica. Mas porque ela não se manifestou «suficientemente» missionária, ou não se ocupou ainda oficialmente das Missões,

no artigo dos «Estudos», a que fizemos referência, (*Estudos*, Junho-Julho de 1938, pág. 375), lançava-se a suspeita de uma possível opposição entre a Acção Católica de Pio XII e a Acção Católica Portuguesa, e advertia-se, em tom profético, que «deixar a A. Católica em atitudes guerreiras, contra as Missões é cavar a sua própria ruína!...»

Mas donde virá a convicção de que a Acção Católica se ergue em atitudes guerreiras contra as Missões? Do facto de não inscrever nas campanhas já feitas nenhuma a favor das Missões?

Responda a *Lumen*: «São respeitáveis e urgentes todas as campanhas, todas as iniciativas, todas as obras de apostolado, mas a A. Católica só se entregará a elas onde, quando e como a Hierarquia o determinar.»

(Continua na 3.^a página)

Resposta a uma pergunta

(Continuação da 1.ª pagina)

Parece-nos, portanto, que a vontade da Hierarquia deve ser respeitada mesmo por quem dela não faz parte. «Como os quadros da A. C. estão organizados (escreve Sua Ex.ª Rev.ª, o Senhor Bispo de Helenopole, na *Lumen* de Março de 1944, pág. 188), há muitas vezes a tendência de convidar os seus associados para todas as iniciativas que pareçam necessárias ou úteis. «Ora há que respeitar a ordem da Hierarquia em conformidade com os Estatutos e Regulamentos.

«Em actividades de carácter nacional, para toda a Acção Católica, só a Junta Central pode tomar a iniciativa; para cada organização, só a sua Direcção Nacional; para cada organismo só a sua Direcção Geral; para a Diocese, só o Venerando Prelado, como Director Diocesano da Acção Católica, ou quem o represente, como a Junta Diocesana, ou a respectiva Direcção, conforme a amplitude da actividade; para cada paróquia, o legítimo representante do ordinário. Sem disciplina na execução das actividades, cair-se-á na desordem, e muitas vezes atender-se-á ao que é accidental e estranho, com prejuízo do que é essencial e próprio. Ponderando criteriosamente as necessidades da Acção Católica, da Organização, do Organismo, — a respectiva autoridade não deixará de ordenar a actividade que mais convém às exigências do Apostolado e dos associados. A Acção Católica será então o que se pretende: movimento robusto, capaz de criar ou renovar as próprias fontes da vida cristã.»

A Acção Católica, que tem feito renascer no coração dos seus membros mais viva e ardente a chama da Caridade, não só não alimenta nenhuma espécie de antipatia contra qualquer outra forma de apostolado, como está disposta a dar o melhor do seu entusiasmo e do seu ardor à tarefa de resolver, quanto em si caiba, as dificuldades alheias, contanto que receba, de quem de direito, ordem para o fazer. E com muito mais entusiasmo, quando se tratar de uma obra apostólica tão patriótica e cristã — e por isso mesmo tão simpática — como são as Missões.

Mas porque alimenta tais sentimentos para com todos, reclama que também para com ela se proceda com espírito semelhante. E não é pedir demasiado!

Sua Santidade Pio XI passou todo o seu glorioso Pontificado a pôr de pé, com admirável pertinácia, o novo e disciplinado, exército da Acção Católica. Sua Santidade, Pio XII, gloriosamente reinante, saúda com entusiasmo a querida e preciosa herança que Lhe legou, como filha pre-

dileta do seu inflamado zelo pelo incremento da vida cristã, o Seu incomparável e sábio Predecessor (Audiência de 4 de Setembro de 1940 aos Dirigentes da A. C. Italiana), — herança que «tomará sempre a peito conservar com fidelidade» (Discurso de 20º de Abril de 1941). O Episcopado português dispensa-lhe, há dez anos, o melhor dos seus cuidados, apoio, e carinho. Uma pléiade de sacerdotes vem lutando por todo o país com persistência verdadeiramente sobrenatural na formação dos novos cruzados da reconquista cristã.

E, fruto providencial de todo este esforço e dedicação, uma massa imponente de leigos de todas as idades e condições sociais, em número já superior a 70.000, obedientes e atentos à voz dos seus Pastores, voz que começam a reconhecer e a distinguir entre todas as outras vozes, vem dando um exemplo consolador de uma floreação impressionante de santidade e de espírito apostólico!

Perante o espectáculo admirável do zelo dos nossos Pastores e de tanta dedicação dos militantes da Acção Católica, continuar mudos em face dos ataques que, de vez em quando, lhe são feitos daqui e dali, ou diante da indisciplina que se vai semeando, embora inconscientemente, nas suas fileiras, não será inadmissível fraqueza? As lágrimas de tristeza e de espanto que tantas vezes nos têm sido dado presenciar em muitos desses valorosos militantes da Acção Católica perante tão dolorosa realidade, — desses militantes, bem dignos continuadores dos primeiros cristãos, que também amam a Acção Católica como às pupilas dos seus olhos — impelem-nos a falar; *non possumus non loqui!*

É esta a resposta que damos à pergunta que nos fizeram. E damos-la por amor desses leigos, a quem chamamos, pela voz e em nome dos Pastores que Deus escolheu para reger a Igreja de Cristo Senhor Nosso, à vida cristã integral, à plenitude da caridade e à disciplina absoluta à vontade da Santa Igreja.

Damo-la penosamente, e tanto mais penosamente quanto é certo mantermos pelos heroicos Missionários o maior respeito, admiração e justíssima estima.

P. ABEL VARZIM

POST SCRIPTUM: — Já estava escrito este terceiro e último artigo, quando publicaram as «Novidades» a intervenção do ilustre amigo Padre J. Alves Correia.

Também somos dos que acreditam nos benefícios da leal e franca discussão dos problemas, mas ficamos a com impressão de que nada havia a fôr ou a acrescentar ao que dissemos.

A. V.

189
2